

## "O REI ESTÁ NU!": REFLEXÕES SOBRE AS BIOGRAFIAS DE DOIS MONARCAS DO BRASIL<sup>1</sup>.

**Nôadri Késsio Souza Borges**  
Mestrando em História (UFPB)  
kessioborges@hotmail.com

Em um conhecido reino, há muito tempo atrás, vivia um rei que era famoso por seu orgulho e excessiva vaidade. Todos sabiam que monarca era dono de uma grande coleção de roupas e sapatos, das horas que gastava experimentando suas vestimentas, deixando de lado importantes assuntos de estado. A monotonia do reino foi quebrada com a chegada de dois trapaceiros, que se diziam os mais renomados alfaiates por fabricarem os mais lindos tecidos do mundo. A especialidade de tal tecido era que ele apenas poderia ser visto por um homem de elevada inteligência, ficando invisível aos ignorantes. O rei não perde tempo e em troca de valiosas jóias encomenda uma belíssima roupa feita com o milagroso tecido. A roupa, quando pronta, seria usada em um importante desfile perante todos os súditos do rei. Chega o grande dia, sua majestade, acompanhado de vários cortesões, vai ao atelier provar a nova roupa. Os alfaiates ao vestirem o monarca, aproveitam para elogiarem a beleza da roupa e como ficava esplêndida no corpo do rei. O monarca, que apenas enxergava suas roupas de baixo, fingia-se orgulhoso por tal elogio. Seus cortesões, não queriam parecer tolos perante o rei e também exclamavam como era bela a nova roupa do rei.

Era preciso que todos os súditos conhecessem esplêndida roupa, o rei ganha as ruas, desfila entre os seus súditos vestido apenas com as roupas de baixo. Ninguém quer ficar por tolo ou idiota e começam a elogiar a monarca por vestir tão bela roupa. Depois de algum tempo, entre a multidão, uma criança desavisada grita: o rei está nu! Todos no mesmo instante dão-se conta da cena ridícula do desfile, caem na gargalhada. O rei envergonhado retira-se para o seu castelo para nunca mais ser visto em público.

A fábula *A roupa nova do rei* de Hans Christian Andersen nos permite pensar na complexa relação que a história possui em relação com a biografia. Se há muito tempo os historiadores não se ocupam mais em somente conhecer as gestas do rei, aqueles que se aventuram a escrever biografias também sabem mais do que nunca que o rei sempre esteve nu. A história não se ocupa, como outrora, em escrever sobre a história dos grandes homens em formato hagiográfico – sem máculas, sem problemas.

Não há nenhuma novidade em afirmar que a biografia está em moda, basta observar as listas de livros mais vendidos nas revistas ou jornais, passear entre as prateleiras ou sites de qualquer livraria, para atestar o sucesso do gênero biográfico. Depois de muito tempo há um consenso entre os historiadores sobre a legitimidade das biografias históricas como exercício historiográfico. Será que atualmente os historiadores continuam escrevendo sobre trajetórias de vida forma linear, cronológica? Escrevem da maneira duramente criticada por Pierre Bourdieu em “a ilusão biográfica”? Na falácia de se supor ser possível construir uma vida de forma coerente, unitária. Até que ponto poderá se falar em uma renovação do gênero biográfico?

Apesar deste oportunismo acadêmico/editorial, penso que existe sim, uma renovação da biografia histórica, perceptível em muitos trabalhos recentes. Esse acontece, geralmente, quando os historiadores-biógrafos levam em conta as críticas já feitas ao gênero, procurando integrá-las às suas preocupações, tentando respondê-las maneira como elaboram seus trabalhos. (SCHMIDT, 2006, p. 60)

O regresso do gênero biográfico e sua difusão parecem acompanhar o boom de publicações de outras narrativas de caráter memorialístico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por certa modalidade de escrita que se convencionou chamar de escritas de si (GOMES, 2004), que contemplam cartas, diários, relatos memorialísticos, biografias e autobiografias. Cada vez mais o mercado editorial e acadêmico abre espaços para esses tipos de produções, que atendem interesse de pesquisadores e leitores ávidos por trajetórias pessoais, a vida privada de personagens desconhecidos e ilustres.

A biografia sempre teve seus autores e leitores, se o seu “regresso” na história é bastante recente, o ato de escrever a trajetória de vida de uma pessoa é tão antigo quanto à própria história. Das penas dos gregos e romanos na Antiguidade, de uma história hagiográfica, que narrasse a exemplaridade da vida dos santos e cavalheiros na Idade Média, nos oitocentos sob o eclipse de uma história metódica, com a ascensão de uma história preocupada em enaltecer glórias nacionais, a biografia tinha por finalidade imortalizar heróis e monarcas, uma história que embelezava o acontecimento, o fato.

Mesmo na primeira metade do século XX, com as duras críticas a esse tipo de projeto oitocentista, encabeçadas pelos os *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre, no considerável esforço de tangenciar o exercício biográfico do campo de atuação dos historiadores, por sua identificação como uma prática ultrapassada, preocupada em apenas narrar trajetórias dos grandes homens, sem grandes problematizações. Mesmo assim, foi ainda sob os auspícios dos primeiros *Annales* que se operou um discreto retorno à biografia. Lucien Febvre foi um dos pioneiros a colocar as bases de uma biografia histórica renovada, com os seus livros sobre Rabelais e Lutero.

O interesse dos historiadores pela biografia aparece num período de crise dos paradigmas e de questionamento construtivo dos modelos interpretativos aplicados ao mundo social (LEVI, 2010). Na década de 1980, seu “retorno” na história vem acompanhado com uma série de outros “retornos” (narrativa, política, sujeito), o que implicou questionar-se sobre os limites e possibilidades da história, se foi possível incorporar a biografia com nova “roupagem” na história, porque a própria disciplina histórica atravessava transformações. Para Levi,

A maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas. (2010, p. 168)

Nosso interesse em analisar a produção recente de biografias históricas vem da necessidade de inventariar como os historiadores compreendem e praticam o gênero biográfico. “o que de realmente há de novo nestes trabalhos? O que há de velhos contrabandeados como novo?” (SCHMIDT, 2006)

Se no Brasil até final dos anos 1990 eram escassos os números de biografias escritas por historiadores, dos anos 2000 em diante aumentaram significativamente a quantidade de obras historiográficas em que a preocupação biográfica se faz presente. Muitos historiadores brasileiros se aventuram no terreno da biografia, os recentes trabalhos escritos pelos historiadores Junia Furtado, Laura de Mello e Souza, Evaldo Cabral de Mello, João José Reis, Jorge Ferreira, Boris Fausto, Ronaldo Vainfas, José Murilo de Carvalho, Vavy Pacheco Borges, Isabel Lustosa, Mary Del Priore, por

exemplo, são bons termômetros para medirem a “febre biográfica” que atravessa país. Cada vez mais historiadores são requisitados para escreverem biografias, que, muitas vezes, transcendem as exigências acadêmicas. A cada ocasião – com frequência um aniversário (de nascimento, morte ou fundação) e as comemorações – suscita uma porção de biografias e livros de história.

Talvez seja possível pensar que o dito “retorno” do biográfico também acompanha essa onda de interesse pela história-memória. Nesse sentido, os personagens do passado “ressuscitariam” – ou, mais precisamente, seriam recriados – a fim de servirem como referências para o presente e como recordações de um passado idealizado; em todo caso, como constitutivos de uma suposta identidade de classe, de gênero, racial, geracional, regional, nacional, etc. (SCHMIDT, 2003, p. 62).

Nossa análise centra-se na produção recente de biografias escritas por historiadores, elegemos como fontes duas biografias escritas sobre dois personagens “ilustres” da história do Brasil, os imperadores d. Pedro I e d. Pedro II, nos respectivos livros: *Dom Pedro I*, de Isabel Lustosa, publicado em 2006; *Dom Pedro II*, de José Murilo de Carvalho, publicado em 2007. As duas biografias são publicadas pela editora Companhia das Letras na *Coleção Perfis Brasileiros*,

A coleção, criada em 2006, sob a coordenação de Lilia Schwarcz e Élio Gaspari, traz em seu catálogo mais de uma dezena de biografias. Todas as biografias publicadas são sobre personalidades consideradas “importantes” na época em que viveram (Maurício de Nassau, Getúlio Vargas, Cláudio Manoel da Costa, Castro Alves, Leila Diniz, Joaquim Nabuco, Marechal Rodon, Padre Vieira, General Osório), historiadores, jornalistas e profissionais de outras áreas das ciências humanas escrevem essas obras, todos os biógrafos são especialistas sobre o período em viveu a personagem e/ou são sobre a própria personagem biografada.

Sobre a vida desses dois monarcas e a família real já se escreveram bastante. Algumas obras tiveram reconhecimento em sua época, alguns biógrafos de prestígios dedicaram parte de sua vida a escrever tais obras, como por exemplo, Octávio Tarquínio de Sousa e suas volumosas obras sobre personagens do império e Pedro Calmon nos

livros sobre os dois imperadores, todas essas biografias, atendem a interesse de sua época, de uma dada maneira de escrever sobre o passado. O exercício biográfico sempre esteve, de uma forma ou de outra, presente na historiografia brasileira, a cada época se destacam alguns biógrafos.

Escrever uma vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição. Todavia, escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante. A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor. (DOSSE, 2009, p.11)

Mas quais seriam os interesses em escrever biografias sobre sujeitos “ilustres”, conhecidos com heróis na história da nossa nação, por serem representativos de sua época? Por participarem de momentos decisivos da nossa história? Por terem legados farta documentação que permita ter acesso a sua vida pública e privada? A pergunta parece fácil e difícil ao mesmo tempo de ser respondida. Lilia Schwarcz em seu *As barbas do imperador* fala um pouco desse interesse em biografar a vida de um desses personagens famosos da história do Brasil.

Afinal, como explicar a permanência, por quase sessenta anos, de uma monarquia rodeadas de repúblicas por todos os lados? Como entender o enraizamento de uma realeza Bragança, mas também Bourbon e Habsburgo, em um ambiente tropical cercado de indígenas, negros e mestiços? (1998, p. 13)

Os homens são testemunhas, reflexos, reveladores de uma época. Os títulos dessas duas biografias sobre os monarcas brasileiros trazem a marca dessa ambivalência *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter* e *D. Pedro II: ser ou não ser*. Como escreve na introdução do seu livro Isabel Lustosa,

Com uma personalidade avessa às regras formais, à qual a irreverência e a sensualidade davam um toque especial, d. Pedro bem faz por merecer o qualitativo que Mário de Andrade deu a Macunaíma: um herói sem nenhum caráter [...] D. Pedro é, sem dúvida, o personagem mais fascinante da história do Brasil. Este livro pretende contar a história desse homem que foi, sobretudo, um macho na acepção mais crua da palavra, no que esta tem de sensual e de rude, mas também de valente. (2006, p. 21)

Ao assumir a ótica de ver d. Pedro I como um herói macunaímico, como um indivíduo de personalidade turbulenta, sentimental, Lustosa, não pretende esgotar a trajetória de vida de sua personagem, busca escapar de qualquer interpretação maniqueísta classificatória sobre o biografado. Em certo momento, de sua biografia, d. Pedro I é visto como um entusiasta, um líder, em outros, como um déspota, um sujeito cruel com seus amigos e inimigos, indiferente e violento com sua esposa, amável e sensual com suas amantes, dono de atitudes quixotescas e racionais.

Quando José Murilo de Carvalho nos apresenta o seu d. Pedro II,

Este foi d. Pedro II, imperador do Brasil. Mas, detrás dessa máscara, reforçada pelos rituais da monarquia, havia um ser humano marcado por tragédias domésticas, cheio de contradições e paixões, amante das ciências e das letras, apaixonado pela condessa de Barral. Este foi Pedro d'Alcântara, cidadão comum, que detestava as pompas do poder. No Brasil, predominava a máscara do imperador d. Pedro II. Na Europa e nos Estados Unidos, ressurgia o cidadão Pedro d'Alcântara. [...] Foi respeitado por quase todos, não foi amado por quase ninguém. (2007, p.10)

O “Habsburgo perdido nos trópicos” biografado por José Murilo de Carvalho é apresentado com um homem culto, amante das letras e das ciências, mas solitário e triste. Chefe da nação aos 15 anos, dono de valores abolicionistas e republicanos, recebeu desde criança uma educação rígida, propositalmente distinta de seu pai (d. Pedro I), para fazer dele um chefe de estado perfeito. Uma figura serena, recatada, mas

dono de um grande amor pela condessa de Barral. Um homem marcado por contradições, tanto na sua vida pública com na vida privada. Um monarca e um cidadão. Percebemos que essas duas biografias trazem questões relevantes sobre história e biografia como seus biógrafos problematizaram as tensões entre indivíduo/sociedade, das estratégias narrativas que utilizaram para por em cena as ambivalências de seus personagens.

Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. (LEVI, 2010, p. 179-180)

---

**Notas:**

<sup>1</sup> Esse artigo é parte integrante de uma pesquisa de mestrado sobre a emergência do gênero biográfico na historiografia contemporânea, nosso foco são as biografias de d. Pedro I e d. Pedro II.

**Referências bibliográficas:**

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro I: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Ferreira, Marieta Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título do prólogo*. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_; SCHIMIDT, Benito Bisso (orgs.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: Ferreira, Marieta Moraes; Amado, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

---

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: Revel, Jaques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando um indivíduo encontra a história*. *Topoi*, v. 10, n. 19, p. 7-16. jul.-dez. 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografias históricas: o que há de novo?* In: Pires, Ariel José *et al* (orgs.). *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006.

\_\_\_\_\_. *Grafias da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. *História Unisinos*, v.8, n.10, p.131-142, jul;dez.2004.

SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do imperador: d. Pedro II um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *De olho em d. Pedro II e em seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.